

Tributo e memória: O Museu de Arqueologia Indígena Antônio Aduino Leite (MUARI), localizado no Sul de Minas Gerais

Júlia Vitória Mendonça
Italo Oscar Ricardi León



Museu de Arqueologia Indígena Antônio Aduino Leite (MUARI)
(Foto: Arquivo pessoal/Júlia)

O **Museu de Arqueologia Indígena Antônio Aduino Leite (MUARI)**, localizado em Carmo do Rio Claro (Cidade Carmelitana), Minas Gerais, abriga mais de 3 mil peças catalogadas, sendo considerado um dos maiores do gênero. O acervo, fruto de pesquisa de Antônio Aduino desde 1969, foca na cultura dos índios Catu-auá/Cataguases e Tupi-guaranis da região, tendo sua origem diretamente ligada à trajetória de vida de seu fundador, Antônio Aduino Leite, cuja atuação foi fundamental para a preservação da memória indígena regional.



Antônio Aduino Leite (1927-2020)
(Foto: Arquivo pessoal/Júlia)

A formação do MUARI remonta à década de 1950, quando Adauto, ainda jovem, passou a encontrar vestígios arqueológicos em sua propriedade, a Fazenda Panorama. O primeiro grande marco desse processo foi a descoberta de uma igaçaba (urna funerária indígena), que despertou seu interesse pela cultura dos povos originários. A partir desse momento, iniciou-se uma coleta sistemática de peças, realizada ao longo de mais de cinco décadas.



Igaçaba (urna funerária indígena)
(Foto: Arquivo pessoal/Júlia)

Durante esse período, Adauto não apenas reuniu objetos encontrados em sua propriedade, mas também passou a receber doações de artefatos provenientes de outras áreas da região. O acervo cresceu significativamente, alcançando cerca de três mil peças, entre elas pontas de flecha, machadinhas, utensílios cerâmicos, cachimbos, adornos corporais e instrumentos utilizados no cotidiano indígena.

Inicialmente, todo esse material foi mantido de forma improvisada na própria residência do colecionador, que, com recursos próprios, garantiu sua preservação por décadas. Com o tempo, o acervo ganhou reconhecimento por sua relevância arqueológica, sendo catalogado por instituições especializadas,

como o Instituto de Arqueologia do Rio de Janeiro e, posteriormente, por pesquisadores como o arqueólogo Edson Luis Gomes.



Objetos encontrados que fazem parte do acervo, entre eles, pontas de flecha, machadinhas e outros (Foto: Arquivo pessoal/Júlia)

Em 2011, por meio de uma articulação entre o Ministério Público de Minas Gerais, o município e o próprio colecionador, o acervo foi oficialmente doado à cidade e transferido para um espaço público. Nesse contexto, foi inaugurado o museu, instalado em um prédio histórico no centro da cidade, consolidando-se como uma instituição cultural dedicada à preservação da história indígena regional. O museu leva o nome de seu fundador como forma de reconhecimento à sua dedicação, sendo considerado um dos maiores acervos do gênero no Brasil e na América Latina.

Após a morte de Antônio Adauto Leite, aos 93 anos, em decorrência de uma infecção nos rins e de pneumonia, seu legado permanece vivo por meio da instituição. Segundo a Revista Foco Magazine (2011), Antônio Adauto, “além de preservar as peças, ele estudou a cultura indígena e se transformou em um apaixonado pela causa. Manteve com recursos próprios a preservação das peças por mais de 5 décadas. para Antônio Adauto a tribo Tupi-Guarani veio para a região escravizada, a Katuauã tinha raízes na região. Durante suas pesquisas descobriu que as tribos deixaram marcas para a posteridade através de nomes de rios e locais como Itacy, Itapecerica, Itajaí, Sapucaí, entre outros.”

No entanto, durante visita realizada ao museu no ano anterior, no contexto de um trabalho acadêmico, foi possível observar mudanças recentes em sua organização interna. Verificou-se que, por questões administrativas e políticas, a filha de Adalto, Suzana Araújo Leite Hervas não integra mais a curadoria do

espaço. Atualmente, o atendimento ao público é realizado por uma funcionária remanejada da biblioteca municipal.

Além disso, constatou-se que o museu permaneceu fechado por um período para reformas, sendo Suzana anteriormente contratada para atuar na organização do acervo. A reabertura ocorreu após intervenções voltadas à proteção das peças, incluindo a resolução de infiltrações e problemas no telhado, a recuperação de áreas em situação precária, a substituição das instalações elétricas, ajustes na iluminação e a atualização da etiquetagem do acervo. A climatização do salão principal ainda está prevista como etapa futura, o que poderá contribuir significativamente para a conservação das peças e para o conforto dos visitantes.

Cabe destacar que, em 2015, por meio do lançamento de um edital PROBEXT, voltado para ações de extensão com ênfase na área da cultura, surgiu a iniciativa da realização do vídeo/documentário “**Histórias de quando a água chegou: Antônio Adauto e os índios**”, com a participação de Antônio Adauto e sua filha, Suzana de Araújo Leite Hervas através de uma entrevista e depoimentos, cuja produção audiovisual foi finalizada e exibida em dezembro de 2016.



Capa do vídeo/documentário “Histórias de quando a água chegou: Antônio Adauto e os índios” (2016). (Foto: Arquivo/Ítalo Oscar Riccardi León)

O documentário está disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=G8IDQJstO2g>.



Antônio Adauto e sua filha, Suzana de Araújo Leite Hervas, durante a exibição do documentário no Auditório Leão de Faria e homenagem que ele recebeu na sede da UNIFAL-MG, em dezembro de 2016. (Foto: Arquivo pessoal/Júlia)

Em sua idealização, produção e roteiro, visando resgatar as narrativas ou relatos orais surgidos a partir da construção da barragem de FURNAS, o projeto envolveu diretamente o discente bolsista do Curso de Letras Paulo César de Carvalho, assim outros discentes voluntários e alguns docentes como o Prof. Dr. Ítalo Oscar Riccardi León (ICHL), coordenador das ações do projeto desenvolvido, e também outros professores colaboradores como o Prof. Dr. Wellington Ferreira Lima, a Profa. Dra. Flaviane Faria Carvalho e a Profa. Dra. Rosângela Rodrigues Borges, bem como o Núcleo de Acessibilidade da UNIFAL-MG, que gentilmente cedeu equipamentos de seu acervo para que as filmagens pudessem ser realizadas.



Paulo César de Carvalho
(Foto: Arquivo pessoal/Júlia)

Autora da pesquisa/reportagem



Júlia Vitória Mendonça é estudante do 5º período do curso de Letras/Bacharelado em Língua Portuguesa da UNIFAL-MG. Ela mora na região do Carmo do Rio Claro.

Supervisão e colaboração: Prof. Dr. Italo Oscar Riccardi León (ICHL/DL).

DEPOIMENTO (In memoriam) realizada por Júlia Vitória Mendonça à Susana Leite, filha do falecido Antônio Adauto, por ocasião desta matéria sobre o MUARI, em fevereiro de 2026.

“O legado do meu pai é de um valor imensurável”, afirmou Suzana Leite sobre memória, ancestralidade e preservação cultural.

Para a Júlia, a memória não se preserva apenas em documentos, mas também nas histórias transmitidas de geração em geração. É nesse contexto que se insere o depoimento de Suzana Leite, filha de Antônio Adalto — figura central nas narrativas sobre a memória arqueológica e cultural da região de Carmo do Rio Claro. Ao revisitar lembranças e refletir sobre o legado do pai, Suzana evidencia a importância da oralidade, da preservação histórica e do reconhecimento da ancestralidade.

Júlia: Como você vê o legado do seu pai hoje?

Suzana Leite: O legado do meu pai é de um valor imensurável.

Júlia: O que você sente ao rever o vídeo/documentário?

Suzana Leite: Sinto muita saudade. Saudade das histórias que ele contava e

dos momentos em que eu o acompanhava nas pesquisas de sítios arqueológicos.

Júlia: Para você, o que significa guardar memórias?

Suzana Leite: Ter guardado essas histórias me faz ter cada vez mais orgulho de ser filha do Antônio Adalto. Guardar memórias é ter conhecimento da nossa história, da nossa evolução. É algo essencial.

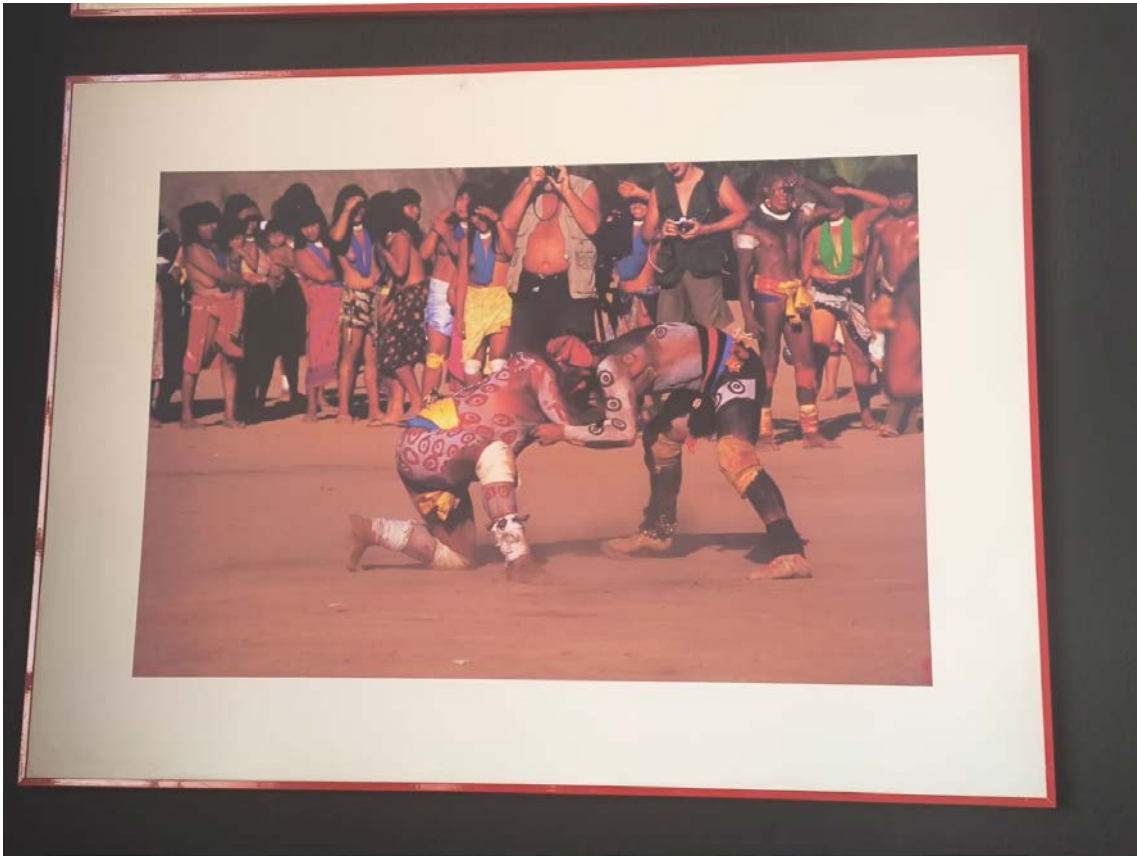
Júlia: Qual parte da história nunca pode ser esquecida?

Suzana Leite: Nenhuma. Todas as partes fazem parte do estudo da nossa evolução.

ACERVO FOTOGRÁFICO DO MUARI

(FotoS: Arquivo pessoal/Júlia)









Pilão



Quebra Coco e Base
de Quebra Coco

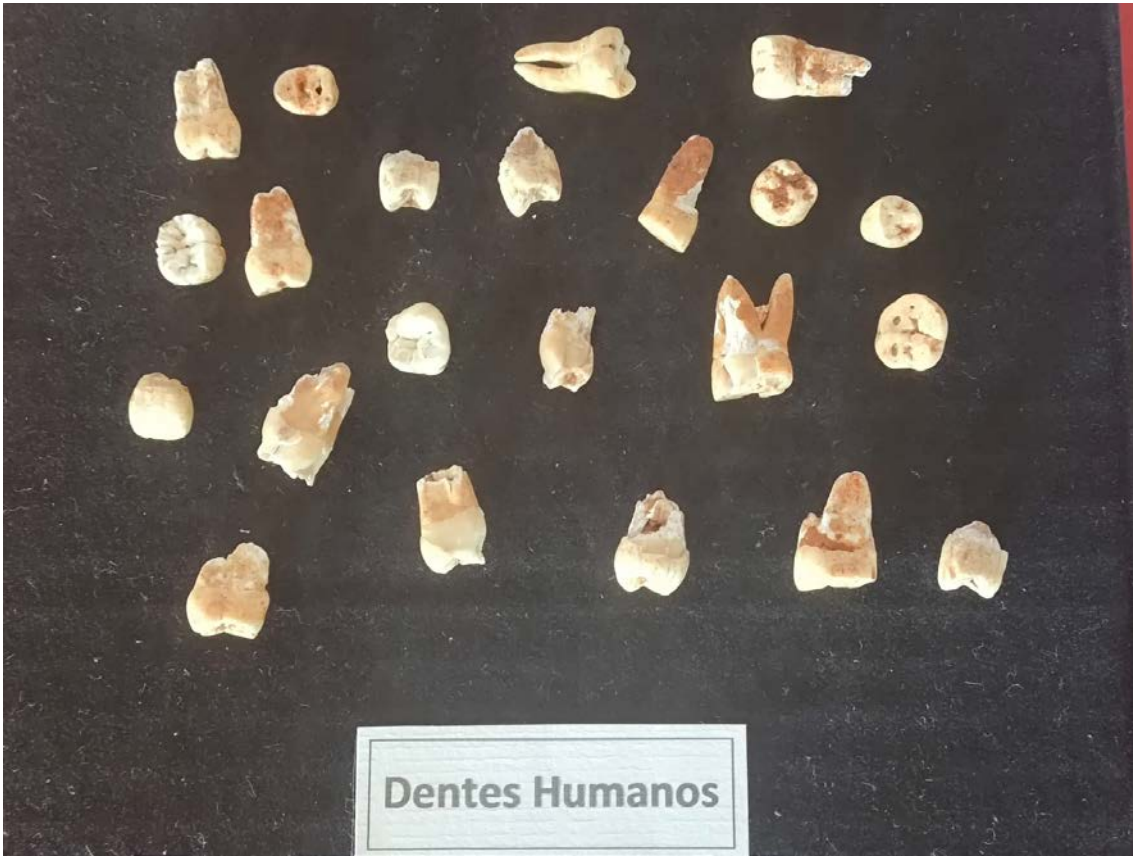


Mão de Pilão

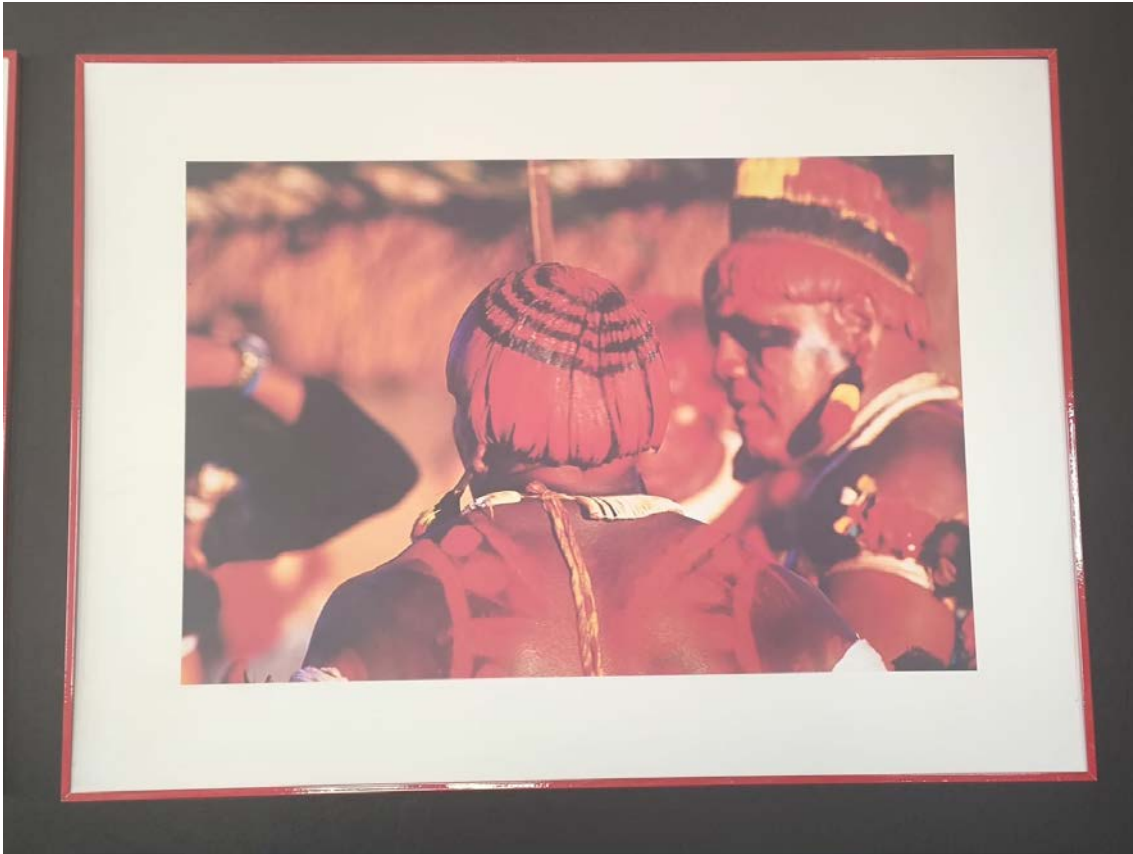




Dentes de Animais



Dentes Humanos

















(Imagens: Arquivo Pessoal/ Júlia Vitória)